

**A CRIANÇA, A ESCOLA E O TRABALHO: BREVES
REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DO TRABALHO
INFANTIL NA DINÂMICA EDUCACIONAL DAS CRIANÇAS
TRABALHADORAS BRASILEIRAS**

Maria Anastácia Manzano¹

Daniel Costa Oliveira²

Sara Matos Brasil²

Alexandro Gonçalves de Jesus²

Ângela Cristina Salgado de Santana³

MANZANO, M. A.; OLIVEIRA, D. C.; BRASIL, S. M.; JESUS, A. G.; SANTANA, A. C. S. A criança, a escola e o trabalho: breves reflexões sobre o impacto do trabalho infantil na dinâmica educacional das crianças trabalhadoras brasileiras. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 12, n. 1, p. 121-132, jan./jun. 2012.

RESUMO: O trabalho precoce sempre existiu no Brasil, considerado um importante fator interferente no desenvolvimento de crianças e jovens. O objetivo do presente trabalho foi apresentar o trabalho precoce nas suas dimensões históricas e sociais, sua influência na educação e destacar alguns valores atribuídos ao trabalho. Trata-se de um estudo teórico, de natureza qualitativa, com a articulação de ideias de estudiosos do assunto. Analisando a história do trabalho precoce no Brasil evidencia-se seu início no período colonial; essa prática estava associada à pobreza e a intenção do Estado foi promover a aprendizagem laboral para crianças e jovens, dignificando-os com alguma atividade que poderia lhes ser útil. Na história recente do país temos sérias iniciativas para a erradicação do trabalho infantil, que vão desde garantias constitucionais a programas internacionais envolvendo distribuição de renda e educação para todos. Em seguida apresentamos diversos estudos que destacam causas e

¹Mestre em Educação Para a Ciência e acadêmica do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, BA. manzanoma@uol.com.br

²Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS.

³Professora Doutora, disciplina História da Educação, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, BA.

consequências do trabalho precoce. Há revelações que fogem do que é propagado pelo senso comum de que o trabalho precoce estaria relacionado exclusivamente à pobreza e que os pequenos trabalhadores estariam substituindo os pais ou responsáveis pela subsistência da família. Estudos dissecando os dados das Pesquisas Nacionais de Amostras de Domicílio permitiram oferecer respostas distintas, como por exemplo, que o maior número de crianças que trabalham estão em famílias cujos pais trabalham, não sendo, portanto a pobreza uma justificativa exclusiva. O próximo tópico foi relacionar o trabalho precoce e a escola. Novamente muitas posições foram alteradas. Demonstrou que o número de crianças e jovens que trabalham vem diminuindo consideravelmente nas últimas décadas e que as influências na educação podem ser medidos pela ausência às aulas, o baixo rendimento escolar, a evasão escolar e a defasagem idade/série. Os dados mostram que quanto mais cedo se começa a trabalhar, menos tempo se fica (ou ficaria) na escola. Há também revelações de que nas séries finais do Ensino Fundamental a frequência escolar depende mais da oferta de escolas do que a necessidade de se trabalhar. Esta seria uma alternativa justificada pelos pais para afastar os filhos da vadiagem, drogas, criminalidade. Encerramos o trabalho discutindo os valores atribuídos ao trabalho tanto pelos pais e sociedade, quanto pelos próprios trabalhadores precoces. Dentre eles destacamos: o trabalho enobrece, o trabalho dignifica o homem, com o trabalho o jovem pode se firmar dentro de uma estrutura social. Concluimos que o tema é complexo e que qualquer ação ou discussão sobre ele devem ser levadas em consideração as implicações sociais, econômicas e pessoais do trabalho precoce.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho precoce, rendimento escolar, representações sobre o trabalho.

THE CHILD, THE SCHOOL AND THE WORK: REFLECTIONS ABOUT THE IMPACT OF CHILD WORK IN THE EDUCATIONAL DYNAMIC OF BRAZILIAN CHILDREN LABORERS

ABSTRACT: The early work has always been present in Brazil and it is judged as an important influencing factor in the development of children and youth. The main of this research was present the early work in historical and social dimensions, influence in education and highlight some values assigned to work. This is a theoretical study of qualitative nature,

with the contribution of coming researchers in this question. Analyzing the history of the early work in Brazil it is possible to observe its beginning in early colonial period, this practice was associated with poverty and the intention of the State was promote learning to labor for children and youth, dignifying them with activities that could be helpful to them . In recent history of Brazil, we have serious initiatives for the eradication of child labor, which range from constitutional guarantees to international programs involving income distribution and education for all. Then, we present several studies that emphasize the causes and consequences of child work. There are revelations that are beyond of what is propagated by the common sense the early work was related exclusively to poverty and that small workers would be replacing their parents or guardians for family subsistence. Advanced studies about the data from National Household Sample Survey allowed to offer different answers, for example, the largest number of working children are in families whose parents also work, and therefore poverty is not an exclusive reason. The next topic was to link the early work and the school. And again many positions had to be changed. It was demonstrated that the number of children and youth working has decreased considerably in recent decades and influences in education can be measured by the absence from class, poor school performance, school evasion and the lag correction grade-age. The data explain that the sooner the students start working, less time they are (or would be) in school. There are also revelations that in the final grades of the elementary school the presence depends on more of the offer of the school than the need of working. This would be an alternative of parents to remove their children from loitering, drugs and crime. So we finish this study questioning the values assigned to work both by parents and society, as by early workers. Among them we include: work ennobles, work dignifies man, with work the young can establish itself within a social structure. We conclude that the issue is complex and that any action or discussion about it should be taken into account the social, economic and personal implications of work early.

KEYWORDS: Early work , school performance, representations of work.

EL NIÑO, LA ESCUELA Y EL TRABAJO: REFLEXIONES SOBRE EL IMPACTO DEL TRABAJO INFANTIL EN LA DINÁMICA EDUCACIONAL DE LOS NIÑOS TRABAJADORES BRASILEÑOS

RESUMEN: El trabajo precoz siempre existió en Brasil, considerado un factor importante e interferente en el desarrollo de niños y jóvenes. El objetivo de este estudio fue presentar el trabajo precoz en sus dimensiones históricas y sociales, su influencia en la educación y destacar algunos valores atribuidos al trabajo. Se trata de un estudio teórico, de naturaleza cualitativa, con articulaciones de ideas de estudiosos del asunto. Analizando la historia del trabajo precoz en Brasil, vemos el comienzo en el período colonial, esa práctica estaba asociada a la pobreza y la intención del Estado fue promover el aprendizaje laboral para niños y jóvenes, dignificándoles con alguna actividad que les podría ser útil. En la historia reciente del país ha tenido serias iniciativas para la erradicación del trabajo infantil, que van desde garantías constitucionales a programas internacionales, involucrando distribución de renta y educación para todos. A continuación, presentamos diversos estudios que destacan causas y consecuencias del trabajo precoz. Hay revelaciones que huyen de lo que es propagado por el sentido común de que el trabajo precoz estaría relacionado exclusivamente a la pobreza y que los pequeños trabajadores estarían sustituyendo los padres o responsables por la subsistencia de la familia. Estudios disecando los datos de las Pesquisas Nacionales de Muestras de Domicilio permitieron ofrecer respuestas distintas, como por ejemplo, que el mayor número de niños que trabajan están en familias cuyos padres trabajan, no siendo, por lo tanto la pobreza una justificativa exclusiva. El próximo tópico fue relacionar el trabajo precoz y la escuela. Nuevamente muchas posiciones fueron alteradas. Demostró que el número de niños y jóvenes que trabajan ha disminuido considerablemente en las últimas décadas y que las influencias en la educación pueden ser medidas por la ausencia a las clases, el bajo rendimiento escolar, la evasión escolar y el desfasaje edad/grado. Los datos muestran que cuanto más temprano se empieza a trabajar, menos tiempo se queda en la escuela. Hay también revelaciones de que en los grados finales de la Enseñanza Primaria la frecuencia escolar depende más de la oferta de escuelas que de la necesidad de trabajar. Ésta sería una alternativa justificada por los

padres para alejar los hijos de la ociosidad, drogas, criminalidad. Terminamos la investigación discutiendo los valores atribuidos al trabajo tanto por los padres y sociedad como por los propios trabajadores precoces. Entre ellos destacamos: el trabajo ennoblece, el trabajo dignifica el hombre, con el trabajo el joven puede firmarse dentro de una estructura social. Concluimos que el tema es complejo y que cualquier acción o discusión sobre él deben ser llevadas en consideración las implicaciones sociales, económicas y personales del trabajo precoz.

PALABRAS CLAVE: Trabajo precoz, Rendimiento escolar, Representaciones sobre el trabajo.

INTRODUÇÃO

O trabalho precoce, ou trabalho infantil no Brasil existe e sempre existiu. No censo realizado no Brasil em 2000, 45% das crianças e adolescentes brasileiros viviam em condições de extrema pobreza, em famílias com renda per capita de até meio salário mínimo por mês. Já os dados da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) de 2006, 46,5% dos indivíduos com idade entre cinco e 17 anos pertenciam a essas famílias (CARVALHO, 2008).

Fernandes e Portela Souza (2003) apresentam duas visões sobre o trabalho infantil. Na primeira, essa atividade é vista “por alguns como uma forma de engajar a criança ou o adolescente em algum exercício que pode lhe ser útil”. Já na segunda, visão o trabalho precoce seria o fruto do descaso dos pais, com seus filhos, usufruindo dos benefícios dessa atividade, sem considerar as consequências para os filhos. O trabalho precoce estaria relacionado à pobreza.

O objetivo do presente trabalho é apresentar alguns elementos sobre o trabalho precoce e as consequências na educação de crianças e jovens brasileiros.

HISTÓRIAS DO TRABALHO INFANTIL NO BRASIL E DA EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO

Historicamente no Brasil o trabalho precoce sempre existiu e as crianças pobres sempre trabalharam. Carvalho (2008) cita as crianças es-

cravas na Colônia e no Império, os pequenos trabalhadores das primeiras indústrias nacionais, crianças trabalhando em grandes propriedades de terra, ajudando as famílias contratadas que trabalham por cotas, trabalhando nas unidades domésticas e de produção artesanal, nas casas de família e nas ruas.

No final do século XIX, as crianças que trabalhavam eram vistas como vítimas do abandono dos pais e, portanto destinadas a um futuro de vadiagem, mendicância ou crime. As políticas públicas eram direcionadas ao assistencialismo e à correção repressiva, com a criação de institutos para proteção ou recuperação do indivíduo e sua inserção no mercado de trabalho. A ideologia dominante previa a transformação em indivíduos úteis à sociedade e futuros bons cidadãos (CARVALHO, 2008).

Segundo Campos e Alvarenga (2001), o que orientou as políticas públicas voltadas para a criança no Brasil foi a ideologia do trabalho como educador e dignificante. A legislação voltada a essa perspectiva se fez visível em 1854, quando houve a defesa da criação de entidades profissionalizantes para “os meninos pobres e indigentes- a partir dos 12 anos- que vagavam pelas ruas”. Contudo, muitas crianças eram empregadas nas indústrias nascentes em 1840. Os menores chegavam a ser alugados em instituições de caridade e orfanatos (CARVALHO, 2008).

No ano de 1910, 19 escolas de aprendizes já haviam sido instaladas no Brasil, com 1248 alunos; em 1923 é criada a Inspeção do Ensino Profissional Técnico, e em 1939 havia 7000 alunos nos estabelecimentos de ensino profissional e técnico.

Em 1927 foi apresentado o que parece ser a primeira regulamentação sobre a mão de obra infanto-juvenil, o Código de Menores. De acordo com esse código o trabalho ficava proibido abaixo de certa idade, em horários noturnos, em locais insalubres ou perigosos e em atividades nocivas ao desenvolvimento físico e moral da criança (CARVALHO, 2008).

Durante o período da redemocratização (final da década de 80) algumas questões legais trouxeram mecanismos mais efetivos na erradicação do trabalho infantil. Trata-se da Constituição Federal de 1988, em seu artigo 227, que caracteriza crianças e adolescentes “como sujeitos de amplos direitos, que devem ser respeitados pela sua condição especial de pessoas em desenvolvimento”, e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990. Além das iniciativas oficiais do Estado houve um

movimento organizado para sensibilização da opinião pública e pressão política muito contribuiu para a efetivação das novas orientações. Essas iniciativas determinam que a infância e a adolescência são períodos que devem ser preservados de maiores responsabilidades, voltado para o desenvolvimento e preparação para a idade adulta, e ficou determinado, por meio do ECA a proibição de qualquer trabalho a menores de 14 anos, assegurado o direito à profissionalização, e a proteção a ocupação de aprendiz (CARVALHO, 2008).

Os anos 90 foram de grandes transformações econômicas e sociais no país, com algumas repercussões positivas na questão da criança e do trabalho. Em 1992 o Brasil passa a fazer parte do Programa Internacional para erradicação do trabalho infantil (IPEC) da Organização Mundial do Trabalho (OIT). Dois anos depois, em 1994, passa a funcionar o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, composto pelo Ministério do Trabalho, pela UNICEF, Organizações não governamentais, empresários e representantes de sindicatos, de igrejas e dos poderes legislativo e judiciário. Este trabalho culminou, em 1996, com o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), atendendo inicialmente crianças trabalhadoras na produção de carvão vegetal (MS) e zona canavieira e região do sisal (PE e BA). Naquele momento o programa priorizava o atendimento às famílias em situação de extrema pobreza, dando compensação financeira para a retirada das crianças do trabalho, condicionado à frequência regular à escola e uma forma ampliada com atividades em turno complementar (CARVALHO, 2008).

A partir do ano 2000, o PETI é ampliado (passa de 140 000 para 810 000 mil beneficiários) para áreas urbanas e metropolitanas e para atender a outras atividades (lixões, comércio ambulante, cultivo de algodão, de fumo, de café e laranja; cerâmicas, olarias, garimpos e pedreiras). Carvalho (2008) destaca a relevância e algumas contribuições do PETI: retirada imediata de milhares de crianças e adolescentes de ocupações penosas e degradantes, a permanência na escola, melhorias nas condições de subsistência e finalmente resgate da dignidade e da infância. Há redução expressiva do trabalho precoce no Brasil.

Schwartzman e Schwartzman (2004) apresentam e discutem dados que indicam que o trabalho infantil no Brasil vem diminuindo, principalmente, na década de 90. Uma interessante comparação entre a idade

quando se iniciava o trabalho infantil no passado e no presente mostra que a população que hoje tem setenta anos começou a trabalhar com pouco mais de onze anos e a população que está por volta dos vinte anos começou a trabalhar com quase 15 anos.

AS CAUSAS E A DINÂMICA DO TRABALHO INFANTIL NO BRASIL

Estudos sobre trabalho infantil no Brasil têm sido produzidos em várias áreas do conhecimento, tais como a educação, a saúde, a economia. Muitos desses estudos analisam e discutem os dados obtidos a partir da Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios (PNAD): Fernandes e Portela Souza, 2003; Schwartzman e Schwartzman, 2004; Carvalho, 2008; e trabalhos de Kassouf.

Schwartzman e Schwartzman (2004) fizeram uma minuciosa análise dos dados da PNAD de 2002. No ano da pesquisa, um terço dos adolescentes entre 15 e 17 anos eram economicamente ativos (estavam trabalhando ou procurando trabalho). Os autores verificaram que quanto menor a renda da família, menor era a idade das crianças que trabalhavam (37,5% nos mais pobres e 19,9% para rendas mais altas). Como a contribuição financeira da criança ou jovem representava pouco para a renda da família os autores sugeriram que outras características do ambiente familiar poderiam ter influência na decisão pelo trabalho infantil.

Dentre os assuntos analisados no trabalho estão o tipo e as atividades econômicas da família e o efeito do trabalho infantil na educação. Segundo os autores, o tipo de família (se pai e mãe, só pai ou só mãe) não apresentou impacto significativo no trabalho dos filhos. Já quando o pai, e, sobretudo a mãe trabalham há a tendência para que os filhos também trabalhem. O trabalho infantil é, portanto, “antes uma atividade complementar ao trabalho dos pais do que uma compensação pela ausência de trabalho destes” (Schwartzman e Schwartzman, 2004). Quanto ao tipo de ocupação, a tendência é de seguir a ocupação das mães.

TRABALHO INFANTIL E A RELAÇÃO DOS SUJEITOS COM A ESCOLA

Há um consenso entre os autores de que o trabalho precoce tem efeitos danosos no desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes.

Schwartzman e Schwartzman (2004) sugerem que esses efeitos dependem de três fatores: a idade, o tipo e a duração do trabalho; e que os efeitos na educação, são observados por meio do desempenho escolar, caracterizado por: analfabetismo, presença ou ausência à escola e defasagem idade/série.

Quanto ao quesito analfabetismo, os autores discutem que apesar do acesso à Educação Básica atualmente ser praticamente universal, os dados de 2002 indicavam dentro da população entre 10 e 17 anos há 3,4% de analfabetos, sendo que na população economicamente ativa desta faixa etária os analfabetos aumentavam para 4%. Já entre a população de 5 a 17 anos, 91,7% dos que não trabalhavam frequentavam a escola e dentre os que trabalhavam, 80,7% frequentavam a escola, sendo os que trabalham em geral são os mais velhos (Schwartzman e Schwartzman, 2004).

A categoria defasagem idade/série é generalizada na Educação Brasileira e apresenta um dos piores índices de repetência escolar em todo o mundo. Em geral, o trabalho significa um atraso de meio ano aos 10 anos de idade, 1 ano e meio aos 14 anos de idade e após os 14 anos há redução devido à evasão escolar. Schwartzman e Schwartzman (2004) apresentam duas maneiras de interpretar os dados sobre o abandono escolar e trabalho: 1) Impacto do trabalho sobre a educação: presença e aproveitamento escola; 2) “Efeito inverso”: a ausência de escolas leva ao trabalho. O acesso a escola está generalizado, porém a oferta educacional é precária nas regiões rurais sobretudo a partir da quinta série (sexto ano) do Ensino Fundamental, nas periferias urbanas. Com isso o trabalho passa a ser uma alternativa de ocupação razoável uma vez que traz benefícios financeiros e evita a ociosidade.

Kassouf (sd), trabalhando com dados do PNAD de 1999, determinou que na população de jovens com idade entre 18 e 25 anos, quanto menor a idade de início da atividade laboral, menor a escolaridade e o rendimento quando adulto.

Fernandes e Portela Souza, (2003) comparando os dados do PNAD de 1992 e de 2001 estudaram as relações entre a redução do trabalho infantil e o aumento da frequência a Escola e sugeriram, com base

em cálculos estatísticos que, a redução do trabalho infantil e o consequente aumento da frequência escolar na década de 90 ocorreram entre as crianças e adolescentes das famílias mais pobres. Destacam ainda que, crianças e adolescentes que em 2001 estavam fora do mercado de trabalho, mas que estariam trabalhando sob as condições vigentes de 1992 são provavelmente as mesmas que embora frequentassem a escola em 2001 estariam fora da escola sob as condições de 1992.

VALORES E REPRESENTAÇÕES SOBRE TRABALHO

Segundo Campos e Francischini (2003) o desenvolvimento humano é um processo de internalização de regras, valores e modos de pensar e de agir que ocorre nas interações sociais das quais o sujeito participa em seu dia-a-dia. Nessa perspectiva, a realidade do trabalho precoce já está internalizada do sentido atribuído ao trabalho, pelos adultos. Em face do quadro de carência a que estão submetidas as famílias, o trabalho infantil já foi incorporado à rotina, não sendo questionado quanto sua frequente solicitação. O discurso de justificação tem sua base no contexto de pobreza em que vivem as famílias, funcionando, também, para negar os prejuízos às crianças, reforçar a afirmação do emprego delas por aqueles que maior proveito podem tirar disso e é usado como desculpa para a ociosidade de um grande número de adultos excluídos do emprego formal. Dentro dessas perspectivas, as relações de exploração que se efetivam no trabalho, por oferecerem as chances de subsistência da família e de ocupação dos meninos e meninas, de certa forma, são consideradas benéficas.

Carvalho (2008) considera o trabalho precoce como um programa de difícil erradicação. Uma das raízes do trabalho infantil seria um complexo sistema de valores e representações em que o trabalho é um instrumento para afirmação pessoal e social. Com o preconceito ao trabalhador desqualificado ou de ocupação incerta e ao desempregado, associado a vadiagem, delinquência e violência, as famílias procuram zelar pela integridade moral dos filhos, ensinando-os a valorizar o trabalho e a vida em família e preparando-os desde cedo para ocuparem seu lugar na sociedade estratificada que temos.

As famílias tendem ainda a ver o trabalho precoce como uma

maneira de organizar o tempo dos filhos e coloca-los no “bom-caminho”, mantendo-os longe das ruas, das drogas e más companhias. Esses valores, associados à divisão familiar do trabalho e à crença de que todos na família devem colaborar para a subsistência do grupo, atribui à ocupação precoce uma aura de virtude (CARVALHO, 2008).

Os adolescentes estão mais sujeitos a esses valores quando trabalhar faz parte de suas obrigações como filho, visto como a afirmação de sua individualidade e a possibilidade de conquistar um espaço de liberdade. Ter acesso a padrões de consumo que o definem como parte de um grupo acaba por privilegiar a inserção ocupacional, que é concreta e imediata, em detrimento da conclusão da escolaridade, que é distante (CARVALHO, 2008).

CONCLUSÃO

Como apresentado na discussão, o trabalho precoce apresenta diversos determinantes que o caracterizam: econômicos, como contribuindo no orçamento doméstico; sociais, como a educação deficitária, a saúde pública e a violência urbana; e pessoais, de autoafirmação dentro de um grupo, criação de uma identidade e a liberdade de decisão, principalmente entre os mais velhos. As políticas públicas apresentadas visam, principalmente, o determinante econômico, transferindo renda às famílias mais pobres condicionando à frequência à escola. Programas especiais para aprendizes também são desenvolvidos. As causas e consequências do trabalho precoce, assim como, as ações para erradicação e fiscalizações efetivas são temas constantes dentro das universidades, governo e órgãos mundiais. Por se tratar de assunto tão pertinente para as populações de hoje e do futuro, que envolve questões de segurança e bem estar, e de respeito às gerações futuras, o tema nunca deve ser esquecido ou negligenciado. Toda a sociedade tem a obrigação de sempre estar alerta e atuante para o melhor desenvolvimento de nossos futuros cidadãos.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, H. R.; ALVARENGA, A. R. Trabalho infantil e ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho.

Estudo de Psicologia, v. 6, n. 2, p. 227-233, 2001.

CAMPOS, H. R.; FRANCISCHINI, R. Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 119-129, jan./jun. 2003.

CARVALHO, I. M. M. O trabalho infantil no Brasil contemporâneo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 551-569, set./dez. 2008.

FERNANDES, R.; PORTELA SOUZA, A. **A redução do trabalho infantil e o aumento da frequência à escola: uma análise de decomposição para o Brasil nos anos 90**. Disponível em: < <http://www.econ.fea.usp.br/seminarios/artigos/portela.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

KASSOUF, A. L. **Trabalho infantil: causas e consequências**. Sd. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br/pdf/texto.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2011.

SCHWARTZMAN, S.; SCHWARTZMAN, F. F. **O trabalho Infantil no Brasil**. Disponível em: < www.schwartzman.org.br/simon/pdf/trab_inf2004.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2011.

Recebido em / Received on / Recibido en 20/01/2012

Aceito em / Accepted on / Acepto en 26/02/2013